

# CHAPECÓ NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO CAMPO/CIDADE

*Rosa Salete Alba\**  
*Verenice Fátima S. dos Santos\*\**

## Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar alguns elementos da dinâmica populacional de Chapecó, através de análise no contexto da dinâmica regional estabelecida nos últimos anos, fazendo dessa cidade um pólo de atração populacional. Leva-se em consideração os fatores de expulsão desencadeados, sobretudo, pela integração às agroindústrias, gerando a falência da pequena propriedade familiar diversificada e a implantação de um novo modelo de produção agrícola voltado para atender a demanda dessas empresas. Serão considerados também os fatores de atração aqui desenvolvidos. A análise parte em um dos loteamentos da cidade localizado em uma das áreas que mais têm crescido nas últimas décadas, que é o Bairro Efapi, nas proximidades de duas importantes agroindústrias: a Sadia e a Aurora, o que nos possibilitará fazer a relação migração e industrialização.

**Palavras-chave:** Industrialização, migração e urbanização.

---

\* Mestre em Geografia e Professora do Curso de Geografia da UNO-CHAPECÓ. *e-mail:* rsalba@unochapeco.rct-sc.br

\*\*Professora da Rede Pública Estadual de Santa Catarina, formada em Geografia pela UNOESC - Chapecó.

## **1. Considerações Iniciais**

Os estudos geográficos sobre migrações envolvem uma perspectiva histórica ampla, que acontece desde a antiguidade até nossos dias. O fenômeno do povoamento no Brasil não pode ser compreendido sem as migrações, que abrangem o deslocamento de europeus para a América e os deslocamentos de curta e média distância.

Os problemas migratórios, sobretudo campo/cidade, no Brasil, não são um fato isolado do nosso país. Esse fenômeno é universal de acordo com os diferentes lugares e épocas.

O desenvolvimento do capitalismo na Europa no final da Idade Moderna explica a saída de milhões de indivíduos que migraram para a América do Norte e América Latina, sobretudo no Brasil e na Argentina, que envolveu uma população expropriada e empobrecida daquele continente.

Damiani (1996, p. 40), com base em Pierre George (1971) ao analisar a migração internacional, nos diz que não podemos estudar a migração apenas como deslocamento humano, mas como “[...] uma irradiação geográfica de um dado sistema econômico e de uma dada estrutura social”. Nesse ponto de vista, as migrações são um ato político. A autora nos diz mais:

As emigrações, além de revelarem a impossibilidade permanente ou episódica de assimilação de contingentes populacionais, postos em movimento pelas modificações da estrutura econômica nacional (crise de desemprego), correspondem, muitas vezes, a instrumentos de uma política imperialista. As circunstâncias da emigração, neste caso, referem-se às condições da partilha do mundo pelos impérios coloniais e neocoloniais.

A imigração para o Brasil, em especial a italiana, teve origem da desapropriação do campesinato do seu local de origem. E as migrações internas igualmente comprovam a concentração e expropriação que o capitalismo desenvolve.

Vários estudos, como os de José de Souza Martins (1980), apontam a desintegração da pequena propriedade familiar como fator fundamental das migrações internas que aconteceram e acontecem no Brasil, tendo como movimento principal a passagem do campo à cidade.

Numa perspectiva econômica há que se considerar como fatores de migração as mudanças nos modernos setores de atividades desenvolvidos nas cidades, como o setor terciário e a própria reestruturação interna das empresas que marcam uma nova onda de empregabilidade, bem como um crescimento acentuado de desemprego, dando uma nova configuração das migrações e dos migrantes que chegam nas cidades.

Nessa perspectiva, existem análises, tanto de Paul Singer (1998) como de Milton Santos (1993), que nos ajudam a entender esse processo de mudanças e abrir a possibilidade para discussão de dramas humanos, nascidos das contradições recentes de nossa sociedade, bem como das relações decorrentes desse processo de reprodução da vida e também da morte.

Entendemos que os fatores econômicos são um dos motivos que geram as migrações, as pessoas saem à procura de seu sustento ou de uma vida melhor e apostam que vão encontrar nas regiões onde chegam a realização do sonho de emprego, um salário melhor, de terra fértil, de dignidade. Percebe-se que as migrações orientam-se para aquelas regiões onde o capital

está mais concentrado, ou que apresenta perspectiva de se concentrar.

Dessa forma, as cidades podem constituir uma zona de atração populacional por apresentarem mais oportunidades de emprego, seja no comércio, nas indústrias ou nos serviços. As regiões consideradas fronteiras agrícolas também podem desencadear um processo de atração populacional, podemos citar como exemplo a região Oeste Catarinense no século passado com a vinda dos migrantes gaúchos, bem como o Norte e Centro-Oeste brasileiros nas últimas décadas. É exemplo também a área de Chapecó que delimitamos para o nosso estudo, resumidamente relatado no presente texto, sendo que a maioria das pessoas procura essa área em busca de emprego, principalmente nas agroindústrias localizadas nas proximidades.

As migrações devem ser encaradas como um processo social e não apenas como movimento de indivíduos. Ao se desenvolver a pesquisa, geralmente as questões e as respostas são elaboradas com caráter individual, porém a interpretação do processo migratório necessita ser no âmbito da problemática regional que o desencadeou. Dessa forma, acompanhar o marido ou os filhos e o fator econômico foram respostas, na maioria das vezes, encontradas nas pesquisas de campo e consideradas subjetivas, pois são motivos individuais, porém carregam consigo as características dos imigrantes, e podem apresentar importantes elementos de análise para apreender os sujeitos desse processo, sua cultura, seu modo de vida, de pensar e de agir, suas angústias, seus sonhos.

Pode existir uma "ordem" maior que "aciona" o processo migratório, mas os indivíduos que o fazem carregam consigo suas experiências, seu modo de vida,

que até certo ponto, reproduzem nos locais de chegada. Podemos citar o exemplo dos laços de vizinhança, de comunidade (igreja, escola, centro comunitário, etc) e até de organização do ambiente da casa.

Quanto à questão de que os migrantes vêm para a cidade iludidos pelas suas atrações, Singer (1998) nos diz que essa noção deve merecer uma crítica maior e ser analisada numa situação decorrente dos laços sociais de classe comum entre migrantes antigos e novos. Ou seja, não meramente a ilusão à cidade, mas a necessidade de sobrevivência, a busca de melhores condições de vida são os fatores dessa migração. Observa-se que num primeiro momento são os jovens que engrossam as fileiras dos migrantes e posteriormente os de mais idade acabam a se juntar a esses, como forma de manutenção dos laços de parentesco, ou de melhoria da qualidade de vida, através do incremento de renda com outras atividades ou com aposentadoria. Portanto, podemos dizer que não é a ilusão à cidade, mas a desilusão do seu local que os levam a buscar outros lugares.

O presente texto é fruto de pesquisa desenvolvida a partir de um trabalho de conclusão de curso em que foram levantados alguns dados que apresentaremos no decorrer do texto e que nos darão subsídios para, num primeiro momento, pensar o processo de migração na região Oeste de Santa Catarina.

A pesquisa foi desenvolvida no Loteamento Jardim do Lago, localizado no Bairro Efapi. Foram aplicados no total 150 questionários junto aos moradores do local, numa média de 10% (média utilizada também pelo IBGE). A partir de então foi feita a tabulação e a análise dos dados colhidos fundamentados nos autores que discutem essa temática.

Tendo por princípio que boa parte da economia do município de Chapecó gira em torno das agroindústrias, buscou-se realizar um estudo, numa área delimitada, do Loteamento Jardim do Lago, local de instalação do Frigorífico Aurora e proximidade com a Sadia, para perceber a relação existente entre indústria e o crescimento populacional dessa área.

Levamos em consideração a realidade regional para analisar os dados que colhemos no campo. Dessa forma é que fazemos primeiramente uma breve caracterização de Chapecó como cidade pólo regional e sua estruturação com base na agroindústria, fator de desenvolvimento econômico para alguns setores, mas também de desapropriação para outros, que é o caso dos pequenos agricultores, o que gera o êxodo rural para essa cidade.

Através da pesquisa de campo foi possível entender o processo de crescimento populacional do Loteamento, assim como as mudanças que ocorreram em uma parcela do espaço urbano de Chapecó, percebendo a relação existente entre campo/cidade, e a influência da migração no crescimento populacional, onde podem ser verificadas a origem e as condições socioeconômicas dessa população.

O crescimento populacional verificado é decorrente, sobretudo, da intensificação das correntes migratórias do campo e das pequenas cidades do Oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

## **2. Chapecó – cidade pólo - no contexto da região Oeste de Santa Catarina**

Chapecó, atualmente, é uma cidade com mais de 140 mil habitantes, localizada numa região essencial-

mente agrícola, no Oeste do Estado de Santa Catarina. Conheceu o seu processo de urbanização a partir dos anos 70 e é hoje considerada um pólo regional pela sua importância econômica e por abranger diferentes atividades capazes de atender a demanda das demais cidades da região Oeste.

As agroindústrias em Chapecó podem ser consideradas o “carro-chefe” do desenvolvimento econômico do município e de boa parte da região. Elas formaram um sistema hegemônico regional de produção, determinando a estrutura urbana e principalmente rural, com o objetivo de garantir o seu funcionamento e atender a demanda por elas criada.

Com as agroindústrias e com seu contínuo desenvolvimento, ocorreu uma série de transformações na área urbana de Chapecó. Novas indústrias se instalaram e se desenvolvem para atender às necessidades do processo produtivo (indústria ou aviários, chiqueiros, silos, etc.). O comércio se ampliou, provocando um crescimento quantitativo da população urbana do município, novos bairros, novas ruas, asfalto, iluminação, moradias etc., mudanças espaciais que se evidenciam no âmbito social, político e econômico, frutos e agentes de transformação. Enfim, mudanças que fazem parte de uma totalidade e que para serem compreendidas têm que ser analisadas também num contexto geral. Observamos uma transformação na estrutura produtiva de Chapecó e do seu espaço geográfico, sobretudo com o grande contingente populacional que se deslocou nos últimos anos.

Chapecó, por um lado, estruturou-se com a presença das agroindústrias, portadoras de grande capital, capazes de competir internacionalmente e, por

outro lado, de uma série de outras indústrias menores (pequenas e médias) e casas comerciais capazes de atender a demanda local. Vemos também o desenvolvimento de empresas prestadoras de serviços, empresas ou instituições de pesquisa e de formação, contribuindo na atração populacional de pessoas da região Oeste de Santa Catarina e do Noroeste do Rio Grande do Sul.

Essa estrutura econômica nos leva a investigar o processo desse crescimento e a relação com a agroindústria, sobretudo na área escolhida que é o Loteamento Jardim do Lago.

Para entender Chapecó é necessário apreendê-la dentro de suas especificidades locais e também no contexto do desenvolvimento do capitalismo, pois não há como isolar a influência das leis do capital no interior das empresas e das especificidades dos lugares, gerando a grande contradição: concentração e expropriação. A concentração é verificada na expansão dos grandes frigoríficos localizados em Chapecó e na expropriação de pequenos agricultores, o que resulta no processo de migração por nós aqui estudado.

Chapecó deve ser analisada na ótica da expansão capitalista. A história do início de sua colonização desencadeado pelos colonos, sobretudo italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul, já era parte de um projeto de colonização feito pelo Governo estadual que objetivava colonizar todo o Oeste de Santa Catarina, considerado pelas autoridades da época como um vazio demográfico.

Até os anos 40, as empresas colonizadoras tiveram um papel destacado para efetuar a colonização do município. A abertura de estradas, a venda das ter-

ras, a organização dos povoados e vilas etc., esteve, sobretudo na responsabilidade dessas empresas, mais que do Estado. A colonização estruturou-se através de pequenas propriedades, conjugando-se os diversos interesses: das companhias colonizadoras - venda das terras; do Estado - ocupar área vista como vazio demográfico; e dos colonos - ter acesso a terra (RENK, 1991). Assim, levas de agricultores do Rio Grande do Sul deslocaram-se para a região, adquiriram suas pequenas propriedades, constituíram família, juntamente com o sonho de enriquecer.

É de fundamental importância ressaltar a presença da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, que passava na região do Rio do Peixe, construída a partir de 1908, gerando um conflito entre os antigos moradores (os caboclos) que, por não possuírem títulos de propriedade, foram expulsos da região pela empresa responsável pela colonização (*Southern Brazil Lumber and Colonization Company*), juntamente com a empresa responsável pela construção da estrada de ferro, a *Brazil Railway Company*, pois uma extensão de 15 km de terra de cada lado da estrada de ferro seria cedida a essa empresa norte-americana como forma de pagamento pelos trabalhos da construção da estrada. Esse conflito ficou conhecido como a Guerra do Contestado. Podemos considerar esse episódio um dos primeiros processos de expropriação desencadeado na região.

Segundo Pimenta (1996), a estrada de ferro foi importante para impulsionar a colonização da região, e se constituiu num meio de transporte para o escoamento da produção agrícola e para o transporte de pessoas, principalmente entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

É nesse contexto que os personagens ligados ao comércio local - donos de casas comerciais - começaram a se destacar no cenário político da região Oeste de Santa Catarina. É o caso de Atílio Fontana, de Concórdia, Saul Brandalise, de Videira, e Plínio Arlindo De Nês, de Chapecó, que assumiram cargos políticos nos seus municípios e posteriormente no estado e no país, barganhando melhorias na infra-estrutura da região, o que diretamente beneficiou os seus negócios, que se tornariam os grandes frigoríficos da região: Sadia, Perdigão e Chapecó Alimentos.

É importante observar que a colonização feita em Chapecó e região, nessa época, foi a colonização em tempo do capital. Isto é, o capital já se apresentava na sua fase madura. A região Oeste, nesse sentido, é apenas o receptáculo de novas relações de produção. Novas, para a região, no entanto são relações velhas que buscavam a expansão para novos espaços que pudessem dar continuidade à acumulação capitalista que já vinha se realizando em outros locais. As forças que buscavam Chapecó e região, naquela época, nada mais eram que o excedente populacional do Rio Grande do Sul que, impulsionado pelas empresas colonizadoras, deslocou-se para a região em busca de novas maneiras de viver e sobreviver. É por isso que, do ponto de vista do capital, os índios e caboclos, que habitavam a região, devido às suas relações de produção primitivas, nada mais tinham para oferecer às novas relações que lhes eram impostas, conseqüentemente foram expulsos de suas terras, pela força, ou gradativamente eliminados do processo.

Os agricultores (migrantes do Rio Grande do Sul) que se instalaram no município, estabeleceram a pro-

priedade privada da terra. Reservadas as contradições desse processo, adaptaram-se às normas que o capital lhes impôs: compra e venda da terra, regularização da propriedade privada, produção de subsistência com venda de excedentes para o comércio local, intermediado por alguns comerciantes. Observamos, então, que a terra, que era, anteriormente, um bem coletivo, passou a ser um objeto de compra e venda, um meio de produzir renda, de produzir capital. A terra deixou de ser exclusivamente natureza e fonte de alimentos para se transformar também em capital, que gerou a riqueza das empresas colonizadoras e dos comerciantes que estabeleceram a relação de compra e venda entre os agricultores e o comércio regional e nacional. E foi através dessas relações capitalistas, adaptadas às especificidades do lugar, que tiveram curso a acumulação e a concentração do capital necessário para a implantação das agroindústrias que posteriormente se desenvolveram em Chapecó e região.

As pequenas propriedades que se formaram foram de fundamental importância para constituir a base e desenvolver o capitalismo no campo. Elas operavam através de relações de parentesco, ou seja, através do trabalho familiar os próprios membros da família atuavam na produção e produziam o excedente para o capital comercial e, mais tarde, para o capital agroindustrial.

Antes mesmo do surgimento dos atuais frigoríficos já existiam outros, de menor porte, tendo como objetivo a produção de carne e da banha; na época, principal produto derivado dos suínos. Aos comerciantes, que faziam o intercâmbio entre agricultores e consumidores da região ou mesmo de São Paulo, foi possível a acumulação de capitais e a fundação de al-

guns frigoríficos de grande porte presentes hoje na região.

Nesse processo de formação histórico-espacial de Chapecó e região deve ser levada em consideração a presença do Estado como aparelho territorial e agente de socialização das relações de produção.

A presença do Estado foi importante para a implantação de políticas para o desenvolvimento da agricultura, processo que se iniciou com a chamada modernização agrícola. E a partir dos anos 50 tiveram início os trabalhos do serviço de extensão rural e o crédito supervisionado. Foram criados também diferentes órgãos estatais, como a ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina), CIDASC (Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina), EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) etc., com o objetivo de atender à necessidade de recursos financeiros e humanos com capacidade de desenvolver os projetos de pesquisa, crédito e extensão rural.

As políticas estatais, aqui desenvolvidas, tinham subjacente o objetivo de fazer com que o capital encontrasse maneiras de explorar todos os espaços, fazendo uso das características naturais e sociais dos lugares. E, ainda, através das políticas de educação e espírito comunitário - desenvolvido nas comunidades rurais -, conseguiu, ideologicamente, escamotear as contradições inerentes no próprio sistema. A exclusão e a proletarização dos demais agricultores que não conseguiam acompanhar as inovações foram explicadas como sendo decorrentes de fatores pessoais e técnicos. Essa foi uma maneira de neutralizar as lutas de classes, pois os problemas inerentes do próprio modo de organização foram passados aos agri-

cultores como sendo problema de ordem pessoal dos próprios excluídos (BELATO, 1985).

Vimos, portanto, que o Estado brasileiro na área agrícola foi capaz de comandar as inovações e dar as condições de investimentos capazes de obter o sucesso da expansão capitalista no campo, representado, sobretudo, pelas agroindústrias, e ainda fornecer uma infra-estrutura adequada às inovações requisitadas pelo capital urbano, possibilitando o ingresso de novas empresas nessa rede de produção comandada pelas agroindústrias.

Essas breves considerações históricas de formação regional nos indicam as contradições do processo: a formação da pequena propriedade particular e a exclusão de índios e caboclos; a formação de grandes oligopólios agroindustriais de carnes e a expropriação de agricultores que não conseguem se adaptar ao novo modelo de produção imposto, gerando o processo do êxodo rural.

### **3. Mudanças estratégicas das agroindústrias frente ao mercado e à concorrência e intensificação do êxodo rural**

Com a permanente reestruturação e expansão das empresas, o espaço passa ser o lugar incorporado por elas na forma e no processo de ocupação. Nesse sentido, o espaço de Chapecó não é apenas um lugar que está sendo modificado, mas é elemento importante que faz parte e que se transforma segundo as exigências do modo de produção geral e das necessidades específicas das agroindústrias e das populações que aí se instalam.

Como consequência do processo de reestruturação produtiva dessas empresas, podemos citar:

1. A mudança na cadeia produtiva tem possibilitado a instalação e ampliação de outras atividades industriais periféricas da cadeia agroalimentar, fazendo de Chapecó um pólo de atração de novas atividades industriais, comerciais, de serviços e também de mão-de-obra.

2. Expansão de capitais da região para outros estados brasileiros, principalmente no Sul e Centro-Oeste, sobretudo com ajuda dos créditos agrícolas.

3. Concentração do capital agroindustrial em apenas algumas empresas.

4. Mudança na estrutura das propriedades agrícolas. De propriedade familiar diversificada, voltada ao comércio de maneira geral (que deu sustentação, num primeiro momento, à agroindústria), para a propriedade familiar diversificada, com uma intensa modernização das propriedades agrícolas voltadas às exigências do setor agroindustrial. Verifica-se, também, nesse segundo momento, um processo seletivo de agricultores acompanhado de uma intensa exclusão dos que não possuem condições, sobretudo econômicas, de adequar sua propriedade às novas necessidades mercadológicas.

É importante perceber que, atualmente, o espaço urbano de Chapecó possui uma complexidade muito grande, trazendo no seu interior uma série de outras indústrias e atividades, que fogem do círculo de atuação das agroindústrias. São empresas que visam atender a demanda do próprio aumento da população e da própria expansão econômica de Chapecó, servindo de atrativo populacional.

Nessa visão, a cidade de Chapecó, ao mesmo tempo que se estruturou a partir do rural, equipou-se de instrumentos capazes de atender às necessidades do campo, com máquinas e implementos agrícolas, insumos, adubos, ração, remédios veterinários, equipamentos para aviários e pocilgas, possibilitando a criação de departamentos comerciais especializados para atender às propriedades agrícolas, bem como técnicos agrícolas e veterinários.

As agroindústrias são responsáveis pela concentração espacial de empresas menores em Chapecó. Com o aparecimento desses novos setores, abriu-se a oportunidade para novos estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços, complexificando a oferta de empregos, a malha e a estrutura urbana do município.

Um ramo industrial acaba sempre se propagando para outros setores, nos diz Marx (1996). É o que se verifica nos ramos industriais que constituem fases de um mesmo processo global. Mesmo estando isolados pela divisão social do trabalho, em que cada um produz uma mercadoria independente, há uma interação dessas empresas, fazendo que cada qual ocupe seu papel dentro de um determinado processo produtivo.

A agricultura, por sua vez, não visa mais atender apenas às necessidades da família e de sua propriedade. A agricultura de Chapecó e região Oeste - a exemplo de toda a agricultura no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo - teve que se estruturar e produzir de acordo com os interesses e necessidades do mercado que é sobretudo urbano. A cidade, então, muda o campo e lhe impõe as suas regras. Com a presença das agroindústrias na região, as imposições da cidade sobre o campo são ainda maiores, pois

o campo como fornecedor de matéria-prima tem que se adequar segundo os padrões da empresa, conforme as orientações dos técnicos para a implantação de aviários, chiqueiros ou galpões. Nesse caso, não só muda a estrutura produtiva das propriedades agrícolas, como também a paisagem rural e o modo de vida dos agricultores, devido às novas relações de trabalho que se estabelecem.

Testa (1996) considera duas fases quanto às características assumidas pelo processo da agroindústria na região.

1. Primeira fase: foi marcada por uma relativa convergência de interesses do setor agroindustrial com os produtores familiares. A incorporação de novos produtores de suínos, até início dos anos 80, deu-se com o objetivo de alcançar e conquistar novos mercados (nacionais e externos) para a carne suína e seus derivados. Os pequenos produtores tinham condições de manter sua produção comercial diversificada, atendendo ao mesmo tempo a demanda da agroindústria. Esse perfil, segundo o autor, esteve vigente até início dos anos 80, e foi denominado de policultura hierarquicamente subordinada à suinocultura.

2. Segunda fase: intensificação da integração formal dos produtores familiares de suínos, através das exigências de mudanças nas formas de produção e comercialização de suínos. A ampliação do mercado de carne não mais se deu via aumento de produtores de suínos, mas pela diminuição, tendo como estratégias: aumento da produção própria, aumento da escala da produção de novos produtores e implementação de sistemas especializados de produção.

A avicultura, bastante forte na região, teve seu início nos anos 70, que, diferentemente da suinocul-

tura, não marcou uma ruptura com outro modelo de produção anterior, destinado à indústria. Iniciou-se já com um modelo pronto de produção, com introdução de melhorias tecnológicas no decorrer do tempo, como, por exemplo, a climatização automática dos aviários, em fase mais recente.

Observamos no espaço geográfico de Chapecó e região uma relação direta com o rural. O urbano só se constitui como tal devido à presença do rural diretamente integrado com ele. Nesse sentido, podemos perceber aquilo que Milton Santos (1993) chama de regiões agrícolas e regiões urbanas e não só regiões rurais e cidades. Observamos nas regiões agrícolas uma reciprocidade entre os espaços urbano e o agrícola. Um exercendo influência sobre o outro, ou seja, “[...] áreas agrícolas contendo cidades adaptadas e áreas rurais adaptadas às demandas urbanas” (SANTOS, 1993, p. 65).

Em Chapecó, há uma produção e reprodução do espaço como lugar e meio de produção, que engloba o espaço local, o espaço regional, contextualizados com o espaço global, ou mundializado. Esse espaço não é neutro e nem abstrato, mas é resultado da inter-relação dos níveis econômico e político.

Vemos que Chapecó, como espaço regional, mantém e comanda funções de dominação. Porém, está também subjugado a uma estrutura maior que é o espaço nacional e global. Como nos diz Milton Santos (1996), hoje os lugares são mundiais, pois obedecem a ações comandadas pelos grandes grupos de acordo com as ações internacionais.

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mun-

do segundo os diversos modos de sua própria racionalidade (SANTOS, 1996, p. 272).

Dessa forma, à medida que Chapecó compõe a sua dinâmica com os elementos que lhe são próprios - homens, empresas, instituições, atividades agrícolas, formas geográficas - e que produzem o seu cotidiano, esses elementos locais são obrigados a adequarem-se na estrutura que é comandada por agentes que são globais.

As contradições sociais, decorrentes desse processo, seguramente são imensas: no setor agrícola verificamos a "expulsão" cada vez maior de pequenos agricultores que já não são úteis para o sistema, agravando o quadro da completa carência desse setor, ou então indo engrossar as fileiras dos desempregados na cidade, conforme nos apontam os dados a seguir.

Há, portanto, em Chapecó um espaço urbano que se formou a partir do desenvolvimento agroindustrial. Um espaço que está em consonância com as necessidades agrícolas e as necessidades urbanas. As características próprias de Chapecó fizeram com que ela polarizasse as demais cidades próximas, complexificando ainda mais as atividades necessárias para atender a essas demandas e atraindo as populações da região.

#### **4. A formação do Loteamento Jardim do Lago e o processo da migração**

A pesquisa nos mostrou que, dos moradores do loteamento, 56,92% são oriundos do Oeste de Santa Catarina, 40,76% do Rio Grande do Sul e 2,32% de outros estados como Paraná e Mato Grosso. Desses, 83,07% dos entrevistados vieram da agricultura, en-

quanto que os demais vieram de cidades próximas do Oeste de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul.

O Loteamento Jardim do Lago acelerou o seu crescimento populacional a partir de sua criação em 1990 e sobretudo com a instalação do Frigorífico Aurora em 1992. Segundo a pesquisa, 78% das famílias que migraram para esse local foram em busca de emprego, enquanto 3,84% dos entrevistados buscaram no lugar a possibilidade de morar perto dos filhos. Já que a maioria dos habitantes são pessoas da faixa etária de 18 a 60 anos, observa-se um destaque para pessoas economicamente ativas e um número reduzido de aposentados. Destaque se dá também para as pessoas que responderam como fator de sua migração o tratamento de saúde, a qualidade de vida e outros fatores, somando um total de 17,67%.

Como nos referimos anteriormente, as respostas acima são de cunho individual, mas para a análise e interpretação desse fenômeno devem ser levadas em consideração a problemática regional apresentada e a própria ação das agroindústrias dentro desse contexto, que fazem de Chapecó uma área de atração populacional.

Geralmente são as populações mais empobrecidas que migram. Concordamos com Martins e Vanalli (1994, p. 34): "Ninguém sai de seu próprio país, estado ou cidade se ali se encontra bem! E essas saídas nem sempre são boas soluções para os problemas de quem sai". Mesmo quando há problemas de ordem natural como secas, vulcões etc., para as pessoas que têm um padrão de vida melhor é preferível ficar nos seus locais e se adaptarem, fazer investimentos para ali permanecerem. Enquanto que para os pobres não resta outro caminho senão a saída.

Muitos investigadores e também administradores encaram o fenômeno das migrações, sobretudo, campo/cidade, como um problema nefasto e que deve ser reduzido para começar a solucionar a problemática que elas suscitam (moradia, áreas irregulares, saneamento, etc.), problemas incapazes de serem resolvidos pela economia urbana sem haver a redução necessária. Porém, esse problema deve ser interpretado no contexto em que o fluxo migratório foi posto em movimento. Dessa forma, vamos perceber que nem sempre a cidade que mais cresce é a que apresenta maior número de marginalizados. Cidades menores e com grau de decadência econômica podem apresentar um índice de desenvolvimento social muito mais baixo do que aquelas em ritmo de crescimento populacional.

Portanto, a solução dos problemas urbanos nem sempre podem ser solucionados no próprio urbano, mas nos locais onde outras problemáticas resultam na migração para essas áreas. Então, pensar a cidade é estender o olhar para o seu entorno e nas contradições presentes nessa realidade.

O processo migratório do rural ao urbano é considerado também um dos principais problemas da região Oeste de Santa Catarina que acaba por se refletir na periferia urbana das cidades, sobretudo de Chapecó, que por ser uma cidade pólo na região Oeste atrai grande número de pessoas vindas da agricultura, e de várias regiões do Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul em busca de uma vida melhor. Segundo os entrevistados, na cidade há tudo: emprego, transporte urbano, médicos, supermercados.

Os ex-agricultores vendem suas propriedades para conseguir um terreno na cidade, em bairros mais retirados do centro, e geralmente procuram se insta-

lar próximos à indústria, já com o objetivo de conseguir um emprego nesse local, pois obter pelo menos um salário fixo e assistência médica são direitos que a condição anterior não lhes garantia e que interferem na hora de tomar alguma decisão.

As condições socioeconômicas desses trabalhadores mostram que mais de 50% sobrevivem com um a três salários mínimos. Os dados apontam que com essa renda por família sobrevivem em média quatro pessoas, além do fato de que, em 45% das famílias entrevistadas, há pelo menos uma pessoa desempregada.

A carência dos serviços urbanos recai sobre as camadas da população mais pobre, pois o mercado imobiliário encarece as áreas mais bem servidas que acabam ficando nas mãos das empresas e dos indivíduos mais bem dotados de recursos. Isso foi verificado no caso em estudo.

No Bairro Jardim do Lago, a população não tem local apropriado para a prática de lazer, pois esse foi formado objetivando apenas a ocupação da área e não o bem-estar das famílias que aí chegaram. Sendo assim, 30,76% da população entrevistada usa como forma de lazer ficar em casa. Esse ficar em casa está relacionado à reprodução de práticas e afazeres da vida rural, os costumes que tinham antes. Esse tempinho, segundo eles, é usado para limpar ao redor da casa, cultivar uma horta ou um jardim. A visita a familiares ou amigos é a forma de lazer de 29,23%, 20,76% vão até o vizinho tomar chimarrão, 19,25% dos entrevistados usam como lazer jogar futebol, estudar, ir a festas, assistir à TV, ir à igreja, freqüentar grupo de idosos, jogar baralho. São relações comunitárias importantes, que reproduzem um modo de vida anterior e que já não são encontradas em cidades maiores; contudo a

infra-estrutura do loteamento não atende a essa demanda. A comunidade improvisa seus espaços para a prática do lazer.

Verifica-se uma característica muito específica nesse loteamento quanto aos proprietários das residências: 73% são donos de suas casas, mesmo com uma renda familiar baixa, conforme os dados a seguir. Isso se deve pelo fato desses moradores terem vendido sua propriedade e com o dinheiro adquiriram o terreno.

As residências são construídas geralmente reutilizando a madeira e parte de fiação elétrica das antigas residências. No loteamento, há 40,76% de casas de madeira; 38,48% são construções de alvenaria e 20,76% de casa mistas, que possuem dois pisos, o primeiro em alvenaria e o segundo em madeira. O primeiro piso geralmente é utilizado para instalações comerciais (bar, mercadinho, bazar) ou é alugado, ou ainda é utilizado como uma extensão da família para um filho que casa; e o segundo como residência dos proprietários.

Singer (1998, p. 30) nos aponta também a relação entre industrialização e migração. Para tanto, devemos partir do pressuposto que industrialização não é apenas “[...] uma mudança de técnicas de produção e uma diversificação maior de produtos, mas também uma profunda alteração da divisão social do trabalho”. Entendemos, portanto, que é nesse aspecto que devem ser analisadas as migrações, pois no momento que se instalam em um determinado local, as indústrias tendem a atrair, nas suas proximidades, populações e outras atividades como o comércio e serviços.

No modo de produção capitalista, a indústria passa a dirigir a economia fazendo que a agricultura funcione como fonte de recursos para a produção. Nesse aspecto, podemos salientar a importância da modernização da agricultura, como o uso de maqui-

nários, fertilizantes, insumos e a integração dos agricultores com as agroindústrias, fazendo com que haja uma mercantilização das relações, implicando numa seleção de agricultores e a conseqüente expulsão dos que não conseguem competir no mercado.

Com base na pesquisa de campo, podemos observar que o crescimento populacional do Loteamento Jardim do Lago ocorre pelo fato de o município ser considerado um importante pólo agroindustrial, onde as agroindústrias proporcionam mais oportunidades de emprego na área urbana, sendo essa uma das causas do processo migratório da população rural. Um grande número de famílias migrou para esse bairro, a partir da instalação do frigorífico Aurora em 1992.

O processo de industrialização está ligado não só à produção mas também à divisão social do trabalho. A aglomeração espacial da atividade industrial acontece através da utilização de uma infra-estrutura de serviços especializados, onde os terrenos de uma área industrial sempre serão mais baratos do que numa área residencial.

A partir do momento em que uma indústria se instala numa determinada cidade, acaba atraindo a população das áreas mais próximas e conseqüentemente acelerando o comércio. Mas o nível de vida da população é baixo e as oportunidades econômicas são quase inexistentes.

O migrante que sai do meio rural em busca de outras alternativas, dentro das oportunidades econômicas que a cidade industrial lhe oferece, não preenche os requisitos devido a sua má qualificação, o que o leva a trabalhar por salários muito baixos.

Verificou-se no loteamento em estudo que a renda familiar de 53,84% da população varia de um a três salários mínimos; 32,30% da população vive com

três a cinco salários mínimos; 7,69% com mais de cinco salários mínimos, porém com mais de uma pessoa trabalhando, e 6,17% com menos de um salário mínimo.

O processo de mudança cria uma espécie de desemprego tecnológico na agricultura, esse processo ocorre devido ao aumento da produtividade. Muitas vezes os migrantes não conseguem se encaixar no mercado de trabalho industrial, e passam para o mercado informal.

No caso em estudo, a informalidade não cresceu muito, mas uma grande parte da população entrevistada trabalha como ajudante de produção nas agroindústrias. A Sadia emprega 27,7%, a Aurora 26,15%, a Chapecó Alimentos 3,07%, a Cooperalfa 2,30%, totalizando 58,59% de empregados nas agroindústrias da cidade, ficando as demais percentagens para outros locais de trabalho. As outras profissões encontradas foram de vendedores, telefonistas, mecânicos, professores, domésticas e seguranças.

As migrações internas são fruto também da criação das desigualdades regionais. Singer (1998, p. 37) nos diz que

[...] as regiões favorecidas não cessam de acumular vantagens, e os efeitos de difusão do progresso se fazem sentir num âmbito territorial relativamente acanhado. A população das áreas desfavorecidas sofre, em conseqüência, um empobrecimento relativo: o arranjo institucional faz com que participem do processo de acumulação sem que possam beneficiar-se dos seus frutos.

As migrações internas, como outros fenômenos sociais, são resultado de um processo global de mu-

danças e para serem compreendidas devem ser analisadas no conjunto dessa sociedade. Singer (1998, p. 29) nos diz que, para o estudo das migrações, é importante perceber “[...] os limites da configuração histórica que dão sentido a um determinado fluxo migratório”.

Singer nos aponta dois fatores da migração: os fatores de mudança e fatores de estagnação.

Os fatores de mudança decorrem da introdução de relações de produção capitalistas que acarreta a expropriação de camponeses e agricultores não-proprietários. Eles fazem parte do próprio processo de industrialização na medida que esse atinge a agricultura, trazendo mudança de técnicas. Trazem consigo um aumento significativo da migração, reduzindo drasticamente a população rural.

Os fatores de estagnação resultam da incapacidade da economia de subsistência de elevar a produtividade da terra, o que leva à migração de parte ou da totalidade da população rural. Podem acontecer em áreas rurais que originam correntes migratórias, mesmo quando atingidas por efeitos propulsores.

Esses dois fatores acontecem concomitantemente na região Oeste de Santa Catarina, pois temos áreas de expansão e de crescimento econômico juntamente com áreas de decadência de produtividade. Assim, temos agricultores que passam a engrossar as correntes migratórias, enquanto há outros que mesmo diante das dificuldades conseguem permanecer no campo, adaptar a propriedade às novas exigências do capital industrial ou buscar novas fontes alternativas de renda.

Se fizermos essa análise, vamos perceber que isso acontece também em alguns municípios. Comparando os dados dos últimos censos demográficos obser-

vamos que existem municípios que perderam até 30 ou 40% de sua população enquanto outros contabilizaram um acréscimo bastante significativo. Chapecó é um desses municípios que têm verificado o aumento populacional por apresentar uma concentração espacial de atividades que resulta da industrialização capitalista atraindo para si boa parte da população, que anteriormente se deslocava para outras regiões ou para os centros maiores do país.

Esse processo, fruto das políticas de “desenvolvimento regional”, acaba por criar um outro fluxo migratório nos anos 90 até então não existente no Brasil, apontado por Rua (2001), que inclui também o Oeste de Santa Catarina: é o fluxo migratório a curta distância.

Os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que resultam nos fluxos e as áreas de destino. As áreas de destino são as consideradas aquelas das “oportunidades econômicas”. Porém, nem sempre os migrantes possuem a qualificação ou a bagagem cultural necessária para os novos empreendimentos, e isso nós comprovamos na pesquisa realizada.

Os dados nos mostram que a população do Loteamento Jardim do Lago, crianças e adultos, em sua maioria, estão cursando o ensino fundamental e o ensino médio. O número de analfabetos é pequeno, porém há um grande número de pessoas com o ensino fundamental incompleto: isso caracteriza a população que mora nesse local. Como vimos, a maioria é ex-agricultor, e, portanto, com um nível de escolaridade muito baixo.

Esse dado é constatado também pela grande procura aos projetos de educação de jovens e adultos desenvolvidos pela prefeitura, como o EJA (Educação

de Jovens e Adultos), ou pelas empresas que oferecem aos funcionários o ensino fundamental e médio. E isso se deve também à própria exigência que as empresas fazem a todos os funcionários para que tenham pelo menos o ensino médio completo.

Concluimos, portanto, que a população que migra para essa área provém, sobretudo, da região Oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, composta principalmente por pessoas oriundas do campo. Essa característica se reflete na paisagem do lugar, na organização das casas e também nos afazeres dos moradores. Porém, as especificidades que são encontradas num lugar devem ser interpretadas numa realidade maior, ou seja, os fatores que produzem determinadas migrações: nesse caso, a decadência das pequenas propriedades rurais, o desenvolvimento da indústria de Chapecó, fazendo da cidade um pólo regional de atração populacional.

## **5. Referências**

ALBA, Rosa Salette. *A produção do espaço urbano de Chapecó*. Dissertação de Mestrado pela UFSC. Florianópolis, 1998.

BELATO, Dinarte. *Os camponeses integrados*. Dissertação de Mestrado pela UNICAMP, Campinas, maio de 1985.

DAMIANI, Amélia. *População e Geografia*. São Paulo: Contexto, 1996.

MARTINS, Dora e VANALLI, Sonia. *Migrantes*. São Paulo: Contexto, 1994.

MARTINS, José Souza. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: Pioneira, 1973.

\_\_\_\_\_. *Expropriação e violência*. São Paulo: Hucitec, 1980.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I - Vol 1 e 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

PIMENTA, Luís Fugazzola. *Cidades pioneiras e modernização no Oeste de Santa Catarina*. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, IV, 1996, Anais. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB.

RENK, Arlene. *As representações dos colonos no Oeste Catarinense, a partir dos brasileiros*. In: Cadernos do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste - CEOM - nº 07. Chapecó: Grifos, 1991.

RUA, João. *Migrações internas no Brasil – 1940 – 2000*. PUC-Rio/UERJ, 2001. Mimeo.

SANTOS, Milton *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

TESTA, Vilson Marcos et al. *O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense*. (Proposta para discussão) Florianópolis: Epagri, 1996.

## Abstract

The objective of this text is to show some elements about Chapecó population dynamic, through analyze in the context of local dynamic settled in the last years, changing this city in a pole of population attraction. The expulsion factors unleashed are respected, above all, by integration to agro-industries, producing the failure of familiar diversified propriety and the implantation of a new model of agricultural production to attend the demand of these companies. It will be considered the attraction factors developed as well. An analyse starts with a section in the city, localized in one of the most increased areas of these last decades, which is Efapi section, situated near two important agro-industries: Sadia and Aurora, it will be possible to make the relation between migration and industrialization.

**Key Words:** Industrialization, migration and urbanization.